

FERNANDO PESSOA: A "OUTRA COISA"¹

Linhares Filho

Poeta e ensaísta crítico. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Literatura na Graduação do Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras, da Academia de Letras e Artes do Nordeste e da Associação Internacional de Lusitanistas.

O modo de Ser de Pessoa é a "Outra Coisa". Ela decorre do antitético de sua obra, do permanente questionamento entre os heterônimos e o ortônimo, os quais são uma coisa diferente da que parecem ser. Ela é o resultado, a convergência do fingimento pessoano. As tensões da obra de Fernando Pessoa (saber/não-saber, sentir/pensar, realismo/idealismo etc.) geram a "Outra Coisa". A ela se alude explicitamente, em letras minúsculas, várias vezes, mas é sobretudo implicitamente que resulta da obra do poeta. Seu caráter é ultrametafísico, transcendente, representa o próprio Mistério do Ser poético do autor, da sua Ontologia. Mistério com o qual Pessoa enfrenta - e pela criação resolve - o Mistério do mundo, isto é, o absurdo da vida, como vimos.

Com o não-ser forma-se o Ser, que é a "Outra Coisa". O não-ser está, não raro, no nível do *texto*; o Ser, no nível do *entre-texto*. O ortônimo, cujo *texto* é metafísico na maior parte, é o que mais fala expressamente em "outra coisa", essa "febre de Além" e símbolo que, representando o lugar do *pré-texto*, sugere o Ser *entre-textual* da "Outra Coisa".

Cada personalidade pessoana apresenta um texto, que

¹ O presente texto, que aparece ligeiramente modificado, reproduz os dois últimos capítulos do livro *A "Outra Coisa" na poesia de Fernando Pessoa*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará / PROEDI, 1982.

encobre a sua essência. Esta se entremostra ambigualmente na tensão do texto com o *pré-texto*. O *entre-texto* é o resultado dessa tensão em cada personalidade e, finalmente, solução do conjunto antitético das várias cosmovisões pessoais. Do seio ambíguo desse antitético, que se fecunda com o silêncio criativo, surge a “Outra Coisa”. Dir-se-ia que da antítese, digamos, suprema entre a posição realista (não-ser) e a idealista (paraser) das personalidades pessoais é que na verdade emana a “Outra Coisa” como *entre-texto* supremo, assinalando o Ser do autor, isto é, a realização ontológico-literária do poeta, a qual é mimese em catarse e é uma evasão pelo fabrico de um Mistério, a contrapor-se ao Mistério universal. Ao absurdo da vida Pessoa contrapõe o círculo vicioso do antitético do ortônimo e dos heterônimos, círculo esse com que, em omnimoda possibilidade, em cosmovisão múltipla, o autor, sendo, interpreta o mundo conforme as palavras de Campos: “Multipliquei-me para me sentir. Para me sentir precisei sentir tudo”. (OP, p. 345)

A “Outra Coisa” representa o geral da obra ortônima e heterônima de Fernando Pessoa, a meta da eterna busca do desconhecido, pois o que conclui tal obra é que “O saber é a inconsciência de ignorar. . .” (OP, p. 465), busca essa, aliás, que é ponte para a consecução do Ser. A “Outra Coisa” torna-se, enquanto Mistério individual, um libertador saber poético, portanto o dinâmico achamento do Ser: o autor se realiza humanamente e se encontra a si mesmo na atitude constante do processo poético de uma alteridade circular, ao tentar compreender o universo, isto é, o Mistério inatingível, afinal atingido pela força do poético.

A propósito dessas últimas considerações, convém lembrar que José Augusto Seabra, citando o verso do “Primeiro Fausto” — “Que é ser sem no saber?” afirma já que “É [. . .] pelo conhecimento, e só através do conhecimento, que inevitavelmente o Ser se vai manifestando”.²

Embora Campos represente o realismo e, portanto o não-ser, que equivale ao *texto* no conjunto antitético das per-

2 SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetadrama*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 49.

sonalidades pessoanas, em verdade a produção desse heterônimo é poética em si mesma como a das demais personalidades de Pessoa, porquanto tal *texto* guarda uma latência idealista, mimética, instauradora, enfim *pré-textual*, que desrealiza, pela própria “intelectualização da sensação”, o real que o heterônimo quer assumir e assume com certeza, numa posição que, no círculo da poesia pessoana, representa uma como etapa da tensa busca da “Outra Coisa”. Tal busca, afinal, se constitui numa tarefa conjunta do ortônimo e dos heterônimos, já que estes e aquele são diversidades com que o poeta, no seu “privilégio diasporádico de existir, de sair de si mesmo e se conformar com todo ente”,³ atinge, em dinâmica plenitude, o poético remediador de males ou o Ser.

Pessoa passa do metafísico (“outra coisa”) para o ontológico coincidentemente heideggeriano (“Outra Coisa”), lugar em que o poeta, mediante a criação - maneira de integrar-se no Mistério do mundo, opondo-se-lhe com o seu próprio Mistério - se encontra a si mesmo, sendo. Podemos dizer que o poeta, com o conjunto ortônimo e heterônimo de sua obra, no achamento, se identifica com o cavaleiro do poema “Eros e Psique”:

E vê que ele mesmo era

A Princesa que dormia. (OP, p. 181)

E esse símbolo torna-se tanto mais ontológico e as nossas reflexões, a nosso ver, tanto mais pertinentes - completando as que se fizeram antes deste trabalho -, quanto mais verificamos, diante da Princesa Adormecida, que o ortônimo e Álvaro de Campos, os que aludem especificamente à “outra coisa”, são também os que têm o sono como um *Leitmotiv*, sendo de Campos a afirmação de que “o sentido de ser humano é dormir.” (OP, p. 370) Vem a propósito a consideração de um discípulo de Heidegger, falando sobre “A Poesia e a Linguagem”: “Nós não dormimos apenas para descansar. Nós dormimos sobretudo para sonhar. Pois sonhar é ser homem.”⁴ Com o sisifismo, a circularidade dialética ou o espelhismo de sua poesia (como quer

3 L.E.ÁO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977. p. 114.

4 Ibidem. p. 180.

que designemos o fenômeno poético de que nos ocupamos), Fernando Pessoa atinge a “Outra Coisa”, isto é, o Ser, com uma intensidade, uma profundidade e uma eficiência extraordinárias, graças ao poder reflexivo e imaginativo com que se multiplicou na linguagem dos seus discursos criativos, arrostando o absurdo e encontrando-se a si mesmo no dinamismo estático da eterna busca do Sonho, isto a que como alto poeta chegou (partindo) em vigília, como se humanamente dormisse.

Recordemos as palavras de Heidegger:

*A linguagem é a casa do Ser. Em sua habitação mora o homem. Os pensadores e poetas lhe servem de vigias. Sua vigília é con-sumar a manifestação do Ser, porquanto, por seu dizer, a tornam linguagem e a conservam na linguagem.*⁵

Fernando Pessoa, com o sentimento refletido e imaginado de poeta filósofo, por meio da “linguagem,/ O véu e capa de uma outra cousa” (OP, p. 456), “con-sumou” excepcionalmente “a manifestação do Ser”. Corrobora a leitura que fazemos a reflexão de Benedito Nunes, quando, citando esses mesmos versos do “Primeiro Fausto”, atinge a compreensão da “Outra Coisa”, que ilustramos com a pesquisa, desenvolvemos e aprofundamos. Afirmo o crítico, seguindo postulados ontológicos, que:

A comédia dos heterônimos, a farsa da simulação, é afinal um diálogo com o ser que na linguagem se consoma e que, através da linguagem, remete àquela existência em si, àquele algo que há.⁶

Muitas são as passagens da obra pessoana (ortônima e heterônima) em que se verifica a preocupação com o Ser como “inquieta pretensão a ser!” (OP, p. 472) No nível da mensagem manifesta de cada personalidade isolada, ou mesmo no da mensagem patente que resulta do debate entre as várias personalidades em seus discursos, não se alcança o Ser pelo homem poeta Fernando Pessoa nem pelo leitor. Estes o atingem no nível de uma latência que, em relação a cada personalidade

5 HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p. 24-25

6 NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969. p. 234.

de per si e em relação ao conjunto antitético das várias personalidades, configura o poético pleno. Esse poético é o Ser ou o Sonho desrealizante, que se torna o próprio achamento da "Outra Coisa", lugar além do metafísico.

Se na latência do não-ser de cada personalidade isolada está o Ser, este se encontra redimensionado e pleno na latência do conjunto do ortônimo e dos heterônimos em face da generosa e inesgotável força do poético. A multiplicação das referidas personalidades corresponde, justamente, à intensidade da busca para a plenitude latente do poético, que, por sua vez, equivale ao *entre-texto* da teoria portelliana, o qual é o "*texto* mediado pelo *pré-texto*".⁷ A "Outra Coisa" é, realmente, o modo de Ser da poesia de Fernando Pessoa.

CONCLUSÃO

Após a leitura da obra ortônima e heterônima de Fernando Pessoa, chegamos a alguns resultados hermenêuticos e valorativos.

Verificamos, na verdade, que as várias personalidades literárias do autor representam o empenho dele compreender o mundo e atingir o Ser. Assim, vimos que elas se debatem reciprocamente e cada uma questiona a si mesma, apesar de alguns aspectos de umas se identificarem com os de outras.

Concebemos, ao investigar a problemática da obra pessoana, que nesta há uma sutil utilização da dualidade de sentido do pensar e do sentir como um tenso jogo de criatividade ao lado da tensão saber/não-saber.

Detivemo-nos no significado do relacionamento entre Alberto Caeiro e Álvaro de Campos e comentamos dois importantes processos deste.

Discutimos o idealismo e o realismo das várias personalidades ou personagens do "drama em gente" em relação a essenciais características que identificamos em dois quartetos, e que indicamos como aplicáveis respectivamente a cada

7 PORTELLA, Eduardo. *Fundamento da investigação literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974. p. 18.

uma dessas personalidades. Sobre as características insertas no primeiro quarteto analisado, observamos que se ligam à perspectiva do *ser* e, acerca daquelas apresentadas no segundo quarteto examinado, concluímos que, numa latência, o idealismo é próprio de todas as personalidades pessoanas, aquele que se identifica com a desrealização de qualquer legítima obra literária. Não obstante tudo isso e sob a referida perspectiva, inferimos que Campos, possuindo muito de idealismo, é antes um realista, sobretudo em relação às demais personalidades. Sob o mesmo aspecto, relacionamos os valores - infinito e impossível - respectivamente a Pessoa e Reis. Quanto a Caeiro, inferimos que o “nada”, sob a perspectiva do *ser*, prende-se a esse heterônimo, mas relativamente, pois o mestre, de posição mais contraditória, furta-cor, quereria na verdade tudo, mas um tudo restrito à Natureza (donde a hipérbole do “nada”), porque Caeiro, fugindo da Civilização, é aquele que, nunca havendo guardado rebanhos, “é como se os guardasse”. (OP, p. 203)

Pormenorizamos as posições da obra de Pessoa em relação ao Mistério, principalmente aquelas do ortônimo, e sondamos o múltiplice luzir da “Outra Coisa”, acompanhando a trajetória desta por veredas esconsas, com pesquisas, descobertas e argumentos, desde o mais indeciso bruxuleio desse luzir.

Constatamos que a obra pessoana é intensamente *aberta* tanto no conjunto das várias personalidades, que a compõem, como na produção de cada uma delas em particular. Mostramos pormenorizadamente as causas da *abertura* dessa obra. Confirmamos que, devido a essa qualidade estética, como acontece em qualquer legítima obra de arte literária, surge o *entre-texto*, gerado pela tensão, instaurada na obra *aberta*, entre língua e *linguagem*. Defendemos que o *entre-texto* da poesia ortônima e heterônima é a “Outra Coisa”, que representa o dinâmico achamento do Ser, que, por sua vez, se identifica com o Sonho, essa busca poética com valor de encontro, ou esse meio com valor de fim. A “Outra Coisa”, saber e prazer essenciais.

Quando afirmamos, referindo-nos à *Mensagem*, que nela a

tortura do Sonho é o preço da glória, não quisemos excluir do estádio do Sonho o antegozo da glória. Assim, há uma latência fecunda e libertadora na tortura do Sonho que, por isso, é “o nada que é tudo”.

Examinamos todo o desenvolvimento torturante e de anteplenitude da poesia ortônima e heterônima do sonhador Fernando Pessoa, desenvolvimento de que colhemos os sentimentos que se exprimem nestes versos que só agora citamos: “Quando serei um facto? / Quando é que me serei?”, (NPI, p. 58) Ou nestes outros mais patéticos:

*Meu Deus! Meu Deus! Quem sou, que desconheço
O que sinto que sou? Quem quero ser
Mora, distante, onde meu ser esqueço,
Parte, remoto, para me não ter.* (NPI, p. 91)

Mas o Ser, velado pelo cantar, nesse mesmo cantar habita. Isso deduzimos com a nossa análise e mais comprovamos com o poema que citamos na íntegra:

*No fundo do pensamento
Tenho por sono um cantar,
Um cantar velado e lento,
Sem palavras a falar.*

*Se eu o pudesse tornar
Em palavras de dizer
Todos haviam de achar
O que ele está a esconder.*

*Todos haviam de ter
No fundo do pensamento
A novidade de haver
Um cantar velado e lento.*

*E cada um, desatento
Da vida que tem que achar,
Teria o contentamento
De ouvir esse meu cantar. (NPI, p. 59)*

Esses versos confirmam que Pessoa elaborou um Mistério particular. Tal Mistério, indo de encontro ao Mistério universal, foi ao encontro deste. O mesmo aconteceu com o conjunto heterônimo. A consciência de elaborar o silêncio criativo e o convite ao leitor, para que traduza o mesmo silêncio, estão nesse poema.

Lêem-se em Nítido Nulo, de Vergílio Ferreira, estas palavras de Sara: “[. . .] só o ilimitado é o LIMITE de todos os limites, só o silêncio é a voz”.⁸ O que aí se exprime pode ser o caso do infinito impossível, só possível na desrealização do Sonho, que é uma realidade mais real que o real pela sua essência, pela força ontológica e poética, força dinâmica de busca estática, que é achamento. Essas formas paradoxais, de tom barroco, ou, antes, maneirista, dão a dimensão da plenitude, de infinito com que se encontra o conjunto ortônimo e heterônimo da obra, cujo antitético se resolve com a “Outra Coisa”. Vai-se do metafísico para o ultrametafísico.

A poesia ortônima e heterônima de Pessoa encontra dinâmica e remediadoramente o Ser na “voz do silêncio”, o “LIMITE ilimitado”, o poético da “Outra Coisa”. Assim, o impossível torna-se possível.

A “Outra Coisa”, esse, realmente, o sentido essencial da obra do artista múltiplo e uno, cuja complexa mensagem de humanismo e beleza, construída com engenho e sensibili-

⁸ FERREIRA, Vergílio. *Nítido nulo*. Lisboa: Portugal, 1971. p. 512

dade inéditos, tentamos compreender e valorizar: - Fernando António Nogueira Pessoa, poeta filósofo, gênio, bruxo e mágico, altíssima figura da cultura lusíada e das letras de língua portuguesa.